

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS SANTA INÊS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA
CURSO PEDAGOGIA

EUZILENE SANTOS MAIA
GLEYCE REJANE RODRIGUES
LEMOEL COELHO SOUSA SILVA

O DESENHO COMO RECURSO PEDAGÓGICO: estratégias metodológicas inovadoras
para além do tradicionalismo.

Santa Inês – MA

2024

**EUZILENE SANTOS MAIA
GLEICY REJANE RODRIGUES
LEMOEL COELHO SOUSA SILVA**

O DESENHO COMO RECURSO PEDAGÓGICO: estratégias metodológicas inovadoras
para além do tradicionalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão -
UEMA Campus Santa Inês, como requisito parcial para
elaboração do Trabalho de conclusão de Curso.

Santa Inês – MA

2024

**EUZILENE SANTOS MAIA
GLEICY REJANE RODRIGUES
LEMOEL COELHO SOUSA SILVA**

O DESENHO COMO RECURSO PEDAGÓGICO: estratégias metodológicas inovadoras para além do tradicionalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Santa Inês, como requisito parcial para elaboração do Trabalho de conclusão de Curso.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Waldelice Mendes.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **WALDELICE MARIA RAMOS MENDES**
Data: 14/02/2025 16:34:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Waldelice Maria Ramos Mendes (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **FAGNER GOMES DO NASCIMENTO**
Data: 13/02/2025 15:20:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Fagner Nascimento

Documento assinado digitalmente
 **ELIANE BARBOSA RIBEIRO**
Data: 17/02/2025 16:22:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Eliane Ribeiro

Silva, Lemoel Coelho Sousa.

O desenho como recurso pedagógico: estratégias metodológicas inovadoras para além do tradicionalismo./ Lemoel Coelho Sousa Silva, Euzilene Santos Maia, Gleyce Rejane Rodrigues – Santa Inês - MA, 2024.

51f.

Monografia (Graduação) – Curso de Pedagogia Licenciatura, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Ma. Waldelice Maria Ramos Mendes.

1. Desenho. 2. Educação infantil. 3. Professor. 4. Prática pedagógica.
I. Título.

CDU 37.091.33:7.012

Elaborado por Márcio André Pereira da Silva - CRB 13/862

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, por sempre iluminar nosso caminho nos dando força e coragem para trilhar no caminho do bem.

O nosso agradecimento à nossa família é imensurável, sem o apoio e conselhos a jornada seria mais difícil.

Agradecemos também a nossa orientadora professora Waldelice Mendes, pela orientação, apoio e paciência.

Somos gratos a todos os nossos professores pela grande parcela de conhecimentos compartilhados.

E por fim agradecemos a todos que ajudaram durante essa jornada com uma palavra de incentivo.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo apresentar o desenho como estratégias didático – pedagógica aos professores da Creche Tia Carmosa, localizada na cidade de Santa Inês, Estado do Maranhão. em vista de novas práticas que contribuam no desenvolvimento das dimensões cognitivas, afetivas e sociais das crianças. Examinar e refletir sobre o percurso do desenho, e como esse vem sendo utilizado com recurso didático -pedagógico na sala de aula da educação infantil. Constatar as metodologias e os recursos didáticos utilizados pelos professores na sua prática pedagógica na Educação Infantil. Propor estratégias metodológicas inovadoras recursos didáticos para a prática do Desenho na sala de aula da Educação Infantil, através de oficinas. O diálogo teórico foi fundamentado nas obras de alguns autores: Vygotsky (2001,2007), LOWENFELD (1977), LUQUET (1969), entre outros, que discutem a relação do desenho com o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Desenho. Prática pedagógica. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The aim of this study is to present drawing as a didactic-pedagogical strategy to teachers at Creche Tia Carmosa, located in the city of Santa Inês, in the state of Maranhão, in view of new practices that contribute to the development of children's cognitive, affective and social dimensions. To examine and reflect on the path of drawing, and how it has been used as a didactic-pedagogical resource in the early childhood education classroom. To verify the methodologies and teaching resources used by teachers in their teaching practice in early childhood education. To propose innovative methodological strategies and teaching resources for the practice of drawing in the early childhood education classroom, through workshops. The theoretical dialogue was based on the work of some authors: Vygotsky (2001, 2007), LOWENFELD (1977), LUQUET (1969), among others, who discuss the relationship between drawing and child development.

Keywords: Early childhood education. Drawing. Pedagogical practice. Teaching-learning.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 | DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 9 |
| 2.1 | Percepção de Infância e Educação Infantil – Aspectos Históricos | 9 |
| 2.2 | Os direitos da infância no Brasil | 11 |
| 2.3 | Prática Pedagógica Na Educação Infantil | 20 |
| 2.4 | Desenhando uma Educação: O Universo do Desenho Infantil | 21 |
| 2.5 | Um novo olhar, novas atividades: A Importância de Aprender e Ensinar o Desenho Infantil | 23 |
| 2.5.1 | A Importância do Universo do Desenho Infantil | 23 |
| 2.6 | As Múltiplas Possibilidades do Desenho como Recurso Didático-Pedagógico | 27 |
| 3 | METODOLOGIA | 30 |
| 3.1 | Limitações da pesquisa | 30 |
| 4 | RESULTADOS | 32 |
| 4.1 | Caracterização da Escola | 32 |
| 4.2 | Análise do Questionário | 33 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| | REFERÊNCIAS | 43 |
| | APÊNDICES | 46 |
| | APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 47 |
| | APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 48 |
| | APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 49 |
| | APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 50 |
| | APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 51 |
| | APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA | 52 |

1 INTRODUÇÃO

“Não tenho medo de que meu tema possa, em exame mais detalhado, parecer trivial. Receio apenas que eu possa parecer presunçoso por ter levantado uma questão tão vasta e tão importante.”

Carr, 1996.

Falar de prática educacional é um grande desafio. A prática diz respeito à particularidade de cada profissional e, simultaneamente, ao conjunto de práticas realizadas por um grupo de profissionais em uma instituição educativa ou num coletivo de instituições que fazem parte do sistema educacional.

Segundo Kramer (2006), debater sobre a prática pedagógica não é simples, pois ela é contraditória e está em constante transformação, pois muitos professores da educação infantil subestimam a capacidade da criança pensar e se desenvolver plenamente, possuindo uma visão fragmentada do conhecimento e desenvolvendo práticas repetitivas, centradas na memorização de conteúdos, que tem como sustentação os modelos tradicionais de ensino.

Torna-se mais complexo quando se busca adequar o desenho à prática da educação infantil, o qual contribui na formação integral da criança, revelando o seu grau de desenvolvimento intelectual, social, emocional e sua perspectiva.

Veiga (2008) aborda a prática pedagógica sob duas perspectivas: a repetitiva, de caráter mecânico, e a reflexiva, com caráter criador e com visão de unidade. O modelo repetitivo tem uma visão fragmentada do conhecimento, levando os docentes a processos de reprodução do fazer e do saber (Behrens, 2005). Nesse sentido, os professores relegam a capacidade intelectual das crianças. O modelo reflexivo permite ao professor refletir criticamente sobre sua prática, criando condições para reconstruí-la.

Ghedin (2006) aponta que a prática do professor percorre duas vias: do ideal ao real. A primeira ocorre quando o professor planeja sua ação e a segunda, quando a concretiza. O plano ideal se materializa no plano real quando o professor tem consciência desse processo e intencionaliza sua prática a partir da reflexão crítica.

Neste contexto, na primeira parte deste estudo, busca-se abordar tópicos como a percepção de infância e educação infantil e os aspectos históricos, onde se trata da evolução histórica das concepções de infância e educação infantil, acreditando ser fundamental para que se possa compreender as mudanças ocorridas nesta etapa de ensino.

Na segunda parte, tratamos de explorar: "Desenhando uma educação: o universo do desenho infantil", que se destina à compreensão do conhecimento da produção gráfica do desenho na atualidade nos vários métodos, intervenções e possibilidades por um leque de opções que facilita e enriquece o uso do desenho como recurso pedagógico, sendo estes utilizados também como suporte de aprendizagem para outras áreas do conhecimento. Na terceira parte, abordamos "desenhar só se aprende desenhando", desvelando a realidade da prática pedagógica.

A quarta parte aborda a metodologia empregada neste estudo, na qual adotamos a pesquisa qualitativa, dividida em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo na Creche Tia Carmosa- Santa Inês – Maranhão. A pesquisa inclui as 6 (seis) professoras que trabalham na creche. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas e questionários, visando aprofundar a necessidade da compreensão do impacto da metodologia da proposta pedagógica para os professores participantes deste estudo.

Na quinta parte, a partir dos resultados obtidos na pesquisa, buscamos fazer oficinas com sugestões metodológicas para trabalhar o desenho na sala de aula e analisar o que as oficinas contribuíram para a formação de um novo olhar para o desenho como recurso didático pedagógico.

Na parte final, em conclusão, este estudo reforça a compreensão sobre a importância do desenho no desenvolvimento infantil e analisa o processo de ensino-aprendizagem por meio de sua mediação, despertando nos professores a curiosidade em conhecê-lo e utilizá-lo mais na sala de aula, favorecendo os estudantes, que são os sujeitos do processo educativo.

2 DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Percepção de Infância e Educação Infantil – Aspectos Históricos

A Idade Moderna, em relação à infância, é marcada pela substituição da educação prática pela teórica, trazendo a criança para perto dos pais. Ela torna-se o centro das atenções, passa a ser vista como um ser que precisa de cuidados específicos para sua formação. Cabe à escola, agora, a função, além de ensinar a ler e escrever, de preparar as crianças para a vida adulta. A escola torna-se um mecanismo de formação das crianças. Apesar de haver uma melhora no tratamento dado à criança, é o adulto quem continua a direcionar seus passos,

escolhendo o que deverá ser ensinado a elas. Mesmo assim, a criança começa a encontrar seu lugar dentro da sociedade.

Comenius (1592-1670), considerado o maior educador do século XVII, afirma ser a infância o período próprio para aprender. A criança representa a imagem não corrompida de Deus e é, pois, o bem mais precioso da humanidade. Ele sugeria um processo de aprendizagem começando pelos sentidos, pois estes seriam os portões para a alma humana. Sua teoria estava baseada no aprender fazendo.

Rousseau (1712-1778), contrapondo-se à concepção de que a criança é um adulto em miniatura, introduz a concepção de que a criança é um ser com características próprias em suas ideias e interesses. Entende a infância como um momento em que se vê, se pensa e se sente o mundo de um modo próprio, um tempo ainda não corrompido pela sociedade, que preserva a pureza e a inocência. Essas ideias implicaram em mudanças nos métodos de educação das crianças, pois ele entende que a educação deverá atender aos interesses e ao ritmo de cada ~~um~~ uma. A educação deve cultivar a natureza de cada um; desse modo, o processo educacional deve observar as peculiaridades do pensamento da criança, deixando de lado toda a artificialidade e dominação.

Nos séculos XIX e XX, com o reconhecimento da infância enquanto etapa do desenvolvimento humano surge a infância científica, com conhecimentos construídos por várias áreas do saber. Destacam-se aqui as influências da Psicologia do Desenvolvimento ao determinar estágios universais do desenvolvimento infantil. Esse discurso contribuirá para a construção da imagem de criança, bem como para o entendimento de suas necessidades.

A institucionalização da escola pública, bem como o sentimento de cuidado e proteção das famílias, foram outros fatores que, aliados aos saberes científicos, ajudaram na institucionalização da infância na modernidade. As crianças, na escola, se apropriarão dos valores, saberes e normas instituídos como dominantes na sociedade.

No século XX, a Sociologia da Infância reconhece a criança como sujeito ativo e competente, que aprende e constrói conhecimentos no processo de interação social. Essa contribuição rompe com o paradigma da criança frágil, inocente e incapaz. Essa nova construção da infância, segundo Dahlberg, Moss e Ponce (2003, p. 71), reconhecem que:

- a infância é construção social elaborada para e pelas crianças em conjunto ativamente negociado de relações sociais. Embora a infância seja um fato biológico, a maneira como ela é entendida é determinada socialmente;

- a infância, como construção social, é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e as condições socioeconômicas, entre outros. Por isso, não há uma infância natural nem universal, nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças;
- as crianças são atores sociais, participando da construção e determinando suas próprias vidas, mas também a vida daqueles que as cercam e das sociedades em que vivem, contribuindo para a aprendizagem como agentes que constroem sobre (esse “sobre” está correto aqui?) o conhecimento experimental. Em resumo, elas têm atividade e função; os relacionamentos sociais e as culturas das crianças são dignos de estudo por direito;
- as crianças têm voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem consideradas com seriedade, envolvendo-as no diálogo e na tomada de decisões democráticas, e para que se entenda sua indução social, não sendo simplesmente um custo e uma carga;
- os relacionamentos entre os adultos e as crianças envolvem o exercício de poder (assim como a expressão do amor). É necessário considerar a maneira como o poder do adulto é mantido e usado, assim como a elasticidade e a resistência das crianças a esse poder.

Dentro desta nova conceituação, defende-se que uma criança forte, inteligente, poderosa, competente, tem o direito de ser ouvida, uma criança com direitos e deveres, um sujeito interativo, membro de um grupo, portanto, uma criança cidadã.

2.2 Os direitos da infância no Brasil

Como nos demais lugares do mundo, o reconhecimento da infância no Brasil acontece de acordo com o cenário político e econômico da época. Esse reconhecimento demorou muito a acontecer; a criança, por um longo período, foi vista como desprovidade razão, fase que servia apenas como preparação para a fase adulta.

Com a chegada dos padres jesuítas em 1549 e com o início da colonização do Brasil, coube a eles a missão de catequizar as crianças, convertendo-as à fé cristã. Os jesuítas associavam a infância à imagem de Jesus, considerada criatura de Deus, pura, inocente e sem maldade, sendo o alvo perfeito para o seu trabalho. Enquanto as crianças indígenas recebiam instruções apenas para impregná-las da cultura portuguesa, aos filhos de colonizadores era oferecido para que aprendessem a ler, escrever e a contar e que fossem para a Universidade de

Coimbra, em Portugal, cursar Letras, Ciências e Filosofia. Muitos seguiam a carreira religiosa. Para a criança negra escrava, não era oferecido nenhum tipo de educação.

Oliveira (2007, p. 35) explicita que o modo de produção no Brasil Colônia era escravista, havendo uma diferença entre a infância para as crianças brancas e negras, que, enquanto eram crianças, brincavam juntas, mas a criança branca aprendia desde cedo que, quando crescesse, passaria a dominar aquela criança negra com a qual brincavam. A criança negra era, pois, um brinquedo nas mãos das crianças brancas.

Os filhos dos escravos são criados com os dos senhores, tornam-se companheiros de folguedos e amigos e, assim, estabelece-se entre eles uma familiaridade que forçosamente, terá de ser abolida na idade em que um deve dar ordens e viver à vontade, enquanto o outro terá que trabalhar e obedecer. Diz-se que unindo assim, na infância, o escravo ao dono, asseguram a sua fidelidade, mas o costume parece encerrar grandes inconvenientes e de ver, ao menos, ser modificado de forma a tornar o jogo da escravidão menos penoso pela revogação da liberdade primitiva. (Leite, 2006, p. 33).

A criança negra, ao completar sete anos, era iniciada ao trabalho, cabendo a estas pequenas tarefas produtivas, pois tinha que dar retorno ao investimento que seu proprietário tinha com ela. A infância, para ela, durava apenas até os sete anos, idade em que, para a criança branca, iniciava a sua vida escolar. No período colonial brasileiro, foi negado à criança o direito de viver com sua família, ter moradia digna, alimentação de qualidade, saúde e educação sem distinção racial ou social.

Nesse mesmo período, houve um grande índice de abandono de crianças procedentes de relacionamentos fora do casamento ou de famílias pobres, surgindo a necessidade de se criar um local que protegesse essas crianças. Segundo Kramer (2011, p. 49), no que diz respeito ao atendimento das crianças brasileiras, existia, até 1874, para os abandonados das primeiras idades, as Rodas e a Escola de Aprendizes de Marinheiro, para os maiores de doze anos. Essas primeiras iniciativas foram implantadas por ações higienistas que objetivavam reduzir o alto índice de mortalidade infantil, atribuído aos nascimentos ilegítimos, frutos de ligações clandestinas de mulheres brancas da elite ou de crianças pobres, mestiças, negras e indígenas, e à falta de higiene para o cuidado com as crianças.

Em relação às Rodas, Marcílio (1997) explica que a Roda, por mais de um século, foi a única instituição de assistência à criança abandonada no Brasil, sendo extinta em meados de 1950, no século XX. O motivo da criação da Roda ficou registrado no testamento de seu fundador:

Tendo em vista a lástima com que perecem algumas crianças enjeitadas nesta cidade, porque umas andam de porta em porta, aos boléus, até que morrem, e outras se acham mortas pelas calçadas, e praias, por não haver quem as recolha [concorro] com uma esmola e doação para a criação, alimento, e remédio desses inocentes, por atender que será do divino agrado esse sufrágio e benefício por sua alma. (Venâncio *apud* Marcílio, 1997, p. 46).

No final do século XIX e princípio do século XX, a situação em relação ao movimento da puericultura e da escolarização começa a mudar. A ideia de jardins de infância, trazida pelos europeus, franceses e americanos, começa a ser implantada no Brasil. Como toda mudança requer coragem e esforço, conforme Rosa e Arnoldi (2007), a mesma choca e passa a ser alvo de críticas e de punições. Alguns políticos eram a favor e outros contra em enfrentar as resistências à mudança, Segundo Oliveira (2007), enquanto muitos criticavam o jardim de infância por achá-lo mero local para guardar crianças, outros o defendiam por acreditarem que se tratava de um ambiente para o desenvolvimento infantil.

Em meio às discussões, em 1875, é criado no Rio de Janeiro o primeiro jardim de infância de entidades privadas. As primeiras iniciativas em relação às instituições pré-escolares no Brasil ocorrem por volta de 1899, com a criação, no Rio de Janeiro, do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, acontecimento que marca a criação das instituições destinadas ao atendimento das crianças pequenas. Conforme Kramer, tinha como objetivo:

Atender os menores de oito anos, elaborar leis que regulassem a vida e saúde dos recém-nascidos, regulamentar o serviço das amas de leite, velar pelos menores trabalhadores e criminosos; atender as crianças pobres, doentes, defeituosas, maltratadas e moralmente abandonadas; criar maternidades, creches e jardins de infância (Kramer, 2011, p. 52).

A primeira creche popular, destinada aos filhos de operários até dois anos, só aparece em 1908, tendo como objetivo principal evitar o abandono das crianças que ficavam privadas sem cuidados maternos, já que as mães trabalhavam. O Jardim de Infância Campos Sales foi criado em 1909, no Rio de Janeiro. As creches populares atendiam, além dos filhos de operários, as crianças pobres ou abandonadas; dessa forma, eram confundidas com asilos.

O Departamento da Criança, no Brasil, foi criado em 1919, tendo como responsável o Estado, mas, na prática, foi mantido por doações e, em 1920, por não receber verbas do Estado, foi reconhecido como Utilidade Pública e possuía diferentes tarefas, dentre elas:

realizar histórico sobre a situação da proteção à infância no Brasil; fomentar iniciativas de amparo à criança e à mulher grávida pobre; publicar boletins, divulgar conhecimentos; promover congressos; concorrer para a aplicação das leis de amparo

à criança; uniformizar as estatísticas brasileiras sobre mortalidade infantil (Kramer, 2011, p. 53).

A partir da década de 1930, a valorização da criança foi acentuada. Neste momento, a criança passa a ser valorizada como um adulto em potencial; surge, então, a criança trabalhadora, conhecida como o futuro cidadão. De acordo com as ideias de Fonseca, citado por Aquino, alguém privilegiado com direitos tradicionalmente considerados como sendo de adulto: respeito, individualidade, liberdade e cidadania (Aquino, 2001).

Neste período, as mudanças políticas e econômicas, segundo Kramer (2011), foram de fundamental importância para a ocorrência de transformações educacionais. Foram criados diversos órgãos oficiais ligados aos Ministérios da Saúde, Justiça e Negócios Interiores, da Previdência e Assistência Social e da Educação, destinados à assistência infantil. Dentre eles, o Departamento Nacional da Criança (1940), Serviços de Assistência a Menores (1941), a Legião Brasileira de Assistência (1942), Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (1946), a Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, que, no Brasil começou suas atividades em 1952, e o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (1972). O atendimento desses órgãos era pautado na esfera médica e culpavam as famílias pelas situações em que se encontravam as crianças, sem levar em conta as condições próprias da situação econômica e social do país.

No final dos anos 1970, a educação infantil entrou na pauta do movimento social por meio da luta de creches, reivindicando a participação do Estado na criação e na manutenção dessas instituições. Segundo Dias (2007, p. 46), a participação do povo em reivindicações de algo de seu interesse foi fundamental para que houvesse mudança quanto à forma de conceber a educação da criança pequena. Esta participação consiste na intervenção consciente de cidadãos, individualmente ou organizados, com vista à elaboração, à implementação ou à fiscalização das atividades do poder público.

A criança deixa de ser vista como objeto de afeto e passa a ser cidadã, tendo seus direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988. A educação infantil passa a ser reconhecida no artigo 208, inciso IV “[...] o dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (Brasil, 1988).

Por não haver uma política nacional que assegurasse os investimentos na educação infantil, a efetivação desses direitos não aconteceu da forma desejada. Outros documentos e leis foram criados tendo como finalidade refletir sobre a educação infantil; dentre eles, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) que, de acordo com

seus artigos 3º e 4º, insere a criança e o adolescente no mundo dos direitos humanos e estabelece as responsabilidades das famílias, da sociedade e do Estado na garantia dos direitos para a infância e a adolescência.

Art. 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (Brasil, 1990, p. 13.563).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu capítulo IV, artigo 53, enfatiza a contribuição da educação, que deve promover o desenvolvimento da criança e do adolescente, a prática da cidadania e a qualificação para o trabalho, ressaltando aspectos fundamentais da educação, tais como políticas públicas voltadas para a necessidade de igualdade de condições para o acesso à escola pública.

O Ministério da Educação e do Desporto, guiado pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, publica, em 1994, as diretrizes para uma Política Nacional de educação Infantil, com o propósito de expandir a oferta de vagas para a criança de zero a seis anos e promover a melhoria da qualidade de atendimento na educação infantil. As diretrizes propostas por esse documento baseiam-se nos princípios de que:

1. A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e destina-se à criança de zero a seis anos de idade, não sendo obrigatória, mas um direito que o Estado tem obrigação de atender;
2. As instituições que oferecem educação infantil, integrantes dos sistemas de ensino, são as creches e pré-escolas, dividindo-se a clientela entre elas pelo critério exclusivo da faixa etária (zero a três anos na creche e quatro a seis anos na pré-escola);
3. A educação infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade;
4. As ações de educação, na creche e na pré-escola, devem ser complementadas pelas de saúde e assistência, realizadas de forma articulada com os setores competentes;
5. O currículo de educação infantil deve levar em conta, na sua concepção e administração, o grau de desenvolvimento da criança, a diversidade social e cultural das populações infantis e os conhecimentos que se pretendem universalizar;
6. Os profissionais da educação infantil devem ser formados em curso de nível médio ou superior, que contemplem conteúdos específicos relativos a essa etapa da educação;

7. As crianças com necessidades especiais devem sempre que possível, ser atendidas na rede regular de creches e pré-escolas. (Brasil, 1994, p. 15)

A publicação dessas diretrizes foi importante, pois garantiu melhores possibilidades de organização do trabalho dos professores no interior das instituições de educação infantil.

Somente em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996, a educação infantil é reconhecida como primeira etapa da educação básica, integrando a estrutura e o funcionamento da educação brasileira, devendo ocorrer nas modalidades creche – crianças de 0 a 3 anos de idade – e pré-escola – crianças de 4 a 6 anos (Art. 30). A educação infantil cumprirá, agora, duas funções, segundo o documento, indispensáveis e indissociáveis, que são o educar e o cuidar. A proposta pedagógica deverá levar em conta o bem-estar da criança, seu grau de desenvolvimento e diversidade cultural; a universalização dos conhecimentos; e o tipo de atendimento será integral ou parcial.

A partir dessa lei, verificou-se um avanço em relação ao respeito dos direitos da criança pequena, tendo em vista que a educação infantil passa a ser um direito da criança e tem o objetivo de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil. Nessa lei, inúmeros artigos fazem referência à Educação Infantil, dentre eles os artigos 29 e 31:

Art. 29 – A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 31 – Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (Brasil, 1996, p. 44-45).

A educação infantil deverá, portanto, favorecer o pleno desenvolvimento das crianças, não substituindo a educação da família, mas complementando-a, e, por meio da observação e do registro do desenvolvimento da criança, o professor poderá fazer sua avaliação, rompendo com o propósito de uma educação preparatória, fazendo nascerem novas práticas para a educação infantil.

Para orientar os trabalhos das instituições da educação infantil e a prática dos professores, em 1998, é elaborado pelo MEC o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Este documento serve como norteador para a elaboração de proposta pedagógica na educação infantil. Em relação aos objetivos gerais da educação infantil, o

documento destaca que a prática desenvolvida nas instituições de educação infantil deve se organizar para que as crianças desenvolvam as capacidades seguintes:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

Mas, para se alcançar esses objetivos, o Referencial Curricular para a Educação Infantil propõe a integração entre educar e cuidar, e que as atividades desenvolvidas devam ser advindas de situações pedagógicas orientadas, pois aprendizagem e desenvolvimento são processos interligados e dependentes. Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados.

O documento discute ainda o processo de construção da identidade e autonomia das crianças e os diferentes conteúdos a serem trabalhados na educação infantil, apresentando seis eixos para as propostas curriculares das instituições de educação infantil, que são: movimento, música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática.

Em 1999, são aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Essas Diretrizes contribuíram para a melhoria do nível de ensino da educação infantil ao discutir a relevância de uma formação qualificada para os profissionais da área e apresentam novas demandas para as instituições da educação infantil, particularmente no que diz respeito às orientações curriculares e à elaboração de seus projetos pedagógicos. As diretrizes, os princípios, os fundamentos e os

procedimentos que orientarão as instituições da área no que diz respeito à organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas estão estabelecidos no artigo 3º, incisos de I a VIII:

I – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem respeitar os seguintes Fundamentos Norteadores:

- a. Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b. Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
- c. Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

II – As Instituições de Educação Infantil ao definir suas Propostas Pedagógicas deverão explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores outros profissionais, e a identidade de cada Unidade Educacional, nos vários contextos em que se situem.

III – As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

IV – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores.

V – As Propostas Pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação, através do acompanhamento e dos registros de etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos, “sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

VI – As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil devem ser criadas, coordenadas, supervisionadas e avaliadas por educadores, com, pelo menos, o diploma de Curso de Formação de Professores, mesmo que da equipe de Profissionais participem outros das áreas de Ciências Humanas, Sociais e Exatas, assim como familiares das crianças. Da direção das instituições de Educação Infantil deve participar, necessariamente, um educador com, no mínimo, o Curso de Formação de Professores.

VII - O ambiente de gestão democrática por parte dos educadores, a partir de liderança responsável e de qualidade, deve garantir direitos básicos de crianças e suas famílias à educação e cuidados, num contexto de atenção multidisciplinar com profissionais necessários para o atendimento.

VIII – As Propostas Pedagógicas e os regimentos das Instituições de Educação Infantil devem, em clima de cooperação, proporcionar condições de funcionamento das estratégias educacionais, do uso do espaço físico, do horário e do calendário escolar, que possibilitem a adoção, execução, avaliação e o aperfeiçoamento das diretrizes (Brasil, 1999).

Nessas Diretrizes, as creches e pré-escolas são admitidas como local para construção da cidadania infantil, assegurando seus direitos fundamentais, auxiliadas por uma ampla concepção de educação, transformando os espaços institucionais em espaços de exercício da cidadania das crianças.

As propostas pedagógicas da educação infantil, ao respeitar seus princípios éticos, políticos e estéticos afirmam o compromisso da educação infantil com a educação social da criança, conduzindo-a para uma sociedade mais humana e democrática. Apresentam como eixos norteadores para as práticas pedagógicas da educação infantil as interações e as brincadeiras, visando o pleno desenvolvimento das funções psicológicas superiores típicas dos seres humanos. Os estudos de Vygotsky (2001) sugerem que o brincar está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento da percepção, da memória, da afetividade, da imaginação, da aprendizagem, da linguagem, da atenção, do interesse, ou seja, um leque enorme de características próprias dos seres humanos.

No ano de 2006, o Ministério da Educação apresentou o documento Política Nacional de Educação Infantil, com suas diretrizes, metas, objetivos e estratégias recomendando que:

A prática pedagógica considera os saberes produzidos no cotidiano por todos os sujeitos envolvidos no processo: crianças, professores, pais, comunidade e outros profissionais; Estado e municípios elaborem ou adéquem seus planos de educação em consonância com a Política Nacional de Educação Infantil; as instituições de educação infantil ofereçam no mínimo, quatro horas diárias de atendimento educacional, ampliando progressivamente para tempo integral, considerando a demanda real e as características da comunidade atendida nos seus aspectos socioeconômicos e culturais; as instituições de Educação Infantil assegurem e divulguem iniciativas inovadoras, que levam ao avanço na produção de conhecimentos teóricos na área da educação infantil, sobre infância e a prática pedagógica; a reflexão coletiva sobre a prática pedagógica, com base nos conhecimentos historicamente produzidos, tanto pelas ciências quanto pela arte e pelos movimentos sociais, norteie as propostas de formação; os profissionais da instituição, as famílias, a comunidade e as crianças participem da elaboração, implementação e avaliação das políticas públicas (Brasil, 2006, p. 26).

O documento destaca ainda o direito da criança à educação infantil, à indissociabilidade entre cuidar e educar, à inclusão de crianças com necessidades especiais, ao papel complementar das instituições de educação infantil em relação à educação familiar, ao brincar e à formação de professores.

A educação infantil torna-se realidade a partir da Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB, que substituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - FUNDEF. É a primeira vez que, dentro do financiamento da educação básica, há um repasse destinado à educação infantil, nesse sentido, ela ganha espaço político, estando em igualdade de condições com as demais etapas do sistema educacional.

O percurso das leis e documentos oficiais que regem a educação infantil no Brasil aponta avanço conquistado no reconhecimento da educação infantil no quadro das políticas públicas, mas não podemos deixar de mencionar que muito ainda falta fazer, muitos desafios precisam ser superados para que a educação infantil seja oferecida com a qualidade que as crianças merecem.

2.3 Prática Pedagógica Na Educação Infantil

Falar de prática pedagógica é um grande desafio, ou seja, as práticas são extremamente diversas, umas frente às outras, dignas de museus (Perrenoud, 2000). Ou seja, cada profissional desenvolve sua prática do jeito que entende, sem buscar inovação na teoria. O desafio da Prática Pedagógica dos docentes da Educação Infantil está nesse conceito de uma práxis em desafios, pois são diversos fatores que contribuem.

Ao longo da história da educação infantil, o profissional que atua nesta etapa da educação básica é cobrado quando a sua prática desempenhada em sala de aula, embora a prática pedagógica do professor seja uma escolha política, refere-se a particularidade de cada profissional ou a um grupo de profissionais. A maneira como o professor organiza sua prática tem uma relação profunda com as suas concepções sobre criança, infância e educação, conhecimentos estes relevantes para sua prática docente. (Costa, 2013, p. 58)

Utiliza-se como fundamento para análise das práticas pedagógicas Kramer (2006, 2011) e Costa (2013), ainda que existam outros teóricos que tratam da temática em questão, pois a denominação que as autoras definem para prática é a que está dentro do contexto investigado na pesquisa.

A prática pedagógica denominada por Kramer (2006), é classificada em: Prática Romântica, que concebe a escola como um jardim, onde a criança é “sementinha” ou “plantinha” que brota e a professora a “jardineira”; prática cognitiva, que tem base psicogenética, que enfatiza a construção do pensamento infantil no desenvolvimento da inteligência e na autonomia; Prática Crítica, que vê a escola como lugar de trabalho coletivo, reconhece no professor e nas crianças sua condição de cidadãos e atribui à educação o papel de contribuir para a transformação social. Cada modelo revela valores e visão de mundo; nesse sentido a prática pedagógica assumida pelo professor revela o sentido e significado político e social desse docente, pois nenhuma prática é neutra, ela sempre está referenciada em alguns princípios.

2.4 Desenhando uma Educação: O Universo do Desenho Infantil

A criança enquanto desenha, canta, dança conta histórias teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal imaginário. (Derdyk, 1994, p. 17).

O desenho está presente praticamente em todas as formas de manifestação cultural, tendo sido utilizado desde os nossos antepassados pré-históricos, para os quais o desenho tinha como função representar o ritual da caça e da reprodução, envolvendo a espiritualidade e os desejos expressados pela produção gráfica. A esse respeito, Derdyk (1994, p. 31) afirma que “o desenho participa do projeto social, representa os interesses da comunidade, inventando formas de produção e de consumo”. De uma maneira singular, o desenho conseguiu expressar, ao longo do tempo, os mais diversos sentimentos humanos, como a alegria, a tristeza, o medo ou as frustrações, de um ambiente cultural carregado de normas e valores, envolvido pelo contexto em que se encontra inserido.

Pesquisas na área demonstram que o desenho, quanto à sua utilização pode ser, encontrado em diversas abordagens, como, por exemplo, na social, na cultural, na psicológica, na filosófica e na artística. No que diz respeito ao desenho na educação escolar, seu percurso é recente, onde o desenho se enquadra dentro da disciplina Educação Artística, que, dentre outras, contempla as atividades plásticas como: a pintura, a modelagem e a colagem. Mesmo sabendo-se que este ainda não faz parte da prática pedagógica na Educação Infantil da forma devida.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte, o desenho, como função pedagógica, é datada inicialmente no século XIX, cuja primeira metade caracterizou-se pelo ensino voltado para a técnica, centrado na figura do professor, onde este trabalhava com exercícios e modelos convencionais, tendo por finalidade exercitar os sentidos, como a visão e o tato; aspectos cognitivos como a inteligência, a memorização e o senso moral. Assim:

A escola tradicional valorizava principalmente as habilidades manuais, os “dons artísticos”, os hábitos de organização e precisão, mostrando ao mesmo tempo uma visão utilitarista e imediatista da arte. Competia ao professor “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem, mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos. (Brasil, 1997, p.17)

Nota-se que o papel da escola acima mencionada assume um aspecto mais funcional, estimando o traço, o contorno e a repetição de modelos, visando à qualificação e à aplicação para o trabalho, pois preparava o aluno apenas para a vida profissional. Tais características embasam as concepções da Escola Tradicional, que veio a ser questionada por uma nova concepção apresentada pela Escola Renovada, dando ênfase à autonomia e às descobertas dos alunos, numa tentativa de desabrochar a sua capacidade criadora. Tal característica está relacionada à vontade da criança transpor para o desenho o seu pensamento concreto.

Dentro deste novo contexto, Luquet (1969), Lowenfelde Lambert (1977) começavam a valorizar a produção infantil como forma de entender o psicológico das crianças e a relevância da arte na personalidade humana, respectivamente, influenciados por uma nova tendência que encenava a Pedagogia Renovada numa perspectiva escolanovista. Essa pedagogia começou a valorizar a produção infantil, cujo aluno passa a ser o centro do processo educacional, no qual o desenvolvimento era voltado ao natural, ou seja, ao desenho espontâneo, em que o necessário consistia no professor criar condições adequadas para que o ato de desenhar fosse realizado. Nesse sentido:

[...] a criança não era pensada como miniatura de adulto, mas deveria ser valorizada e respeitada em seu próprio contexto, com sua forma peculiar de pensar/agir no mundo, possuindo uma capacidade expressiva original, comunicando-se por meio de seu gesto-traço, seu gesto-teatral e seu gesto-sonoro (Azevedo, 2000, p. 37. *apud* Silva; Araujo, 2004, p. 7).

As práticas pedagógicas que antes enfatizavam o professor e a repetição de modelos, referentes à tendência tradicional, que buscava aproximar o desenho da arte adulta, foram superadas pelos ideais da tendência renovada, que valoriza o crescimento ativo e progressivo das crianças.

De acordo com Lavelberg (2008), a união dos ideais da escola tradicional e da escola renovada, resultou na escola contemporânea, nomenclatura atribuída pela autora às práticas pedagógicas atuais. Relacionando-as, no campo das artes, em que alunos e professores dialogam em condições de igualdade, livres de opressões, desafiados por situações-problema que devem ser compreendidas e solucionadas, valorizar a identidade cultural do aluno e a estética do cotidiano.

A escola contemporânea, segundo Lavelberg (2008), busca um equilíbrio entre teoria e prática, reflexão e criação. Autores como Lowenfeld e Brittain (1977) já preconizavam a importância da ação gráfica infantil, defendendo a liberdade de expressão,

mas também a necessidade de aprendizado e de um espaço para escolhas. Numa perspectiva sociointeracionista, o ensino do desenho na contemporaneidade se manifesta nas mudanças de postura do professor, na relação ensino-aprendizagem, na metodologia empregada e nos conteúdos propostos, que aliam o contexto à subjetividade das crianças. Dessa forma:

Acreditamos que a consciência e a interferência sobre o processo educativo (e, neste caso, mais especificamente, de arte) é fundamental para o professor, para os alunos de Magistério, enfim, para todos que estão envolvidos com uma educação que se pretende transformadora. A consciência histórica e a reflexão crítica sobre os conceitos, as ideias e as ações educativas de nossa época possibilitam nossa contribuição efetiva na construção de práticas e teorias de educação escolar em arte que atendam às implicações individuais e sociais dos alunos, às suas necessidades e interesses, e, ao mesmo tempo, proporcionem o domínio de conhecimentos básicos da arte (Ferraz; Fusari, 1993, p. 36).

Considera-se, no desenho, que os conhecimentos técnicos, correspondentes à escola tradicional, e os conhecimentos espontâneos, da escola renovada, juntos possibilitaram a ascensão dos procedimentos da escola contemporânea. O ensino de arte passa a considerar os aspectos sociais, almejando um resgate da identidade cultural para, assim, ampliar o ensino do desenho. O professor torna-se uma autoridade competente que direciona o processo ensino-aprendizagem, ou seja, passa a ser um mediador entre conteúdos e alunos.

Portanto, o que a escola contemporânea propõe está baseado nos ideais de Barbosa (2006), cuja maior contribuição para o cenário brasileiro foi a “Proposta Triangular para o Ensino da Arte”, formada por um tripé, ou eixos de aprendizagem, que contemplam o fazer, a apreciação e a contextualização artística. Permitindo, assim, o conhecimento da produção gráfica do desenho na atualidade nos vários métodos, intervenções e interpretações sobre o desenho que o momento atual nos proporciona, possibilitados por um leque de opções que facilita e enriquece o uso do desenho nas salas de aulas, sendo estes utilizados também como suporte de aprendizagem para outras áreas do conhecimento.

2.5 Um novo olhar, novas atividades: A Importância de Aprender e Ensinar o Desenho Infantil

2.5.1 A Importância do Universo do Desenho Infantil

De acordo com texto contido no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RECNEI (Brasil, 1998), a criança é um ser social e histórico que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura e momento histórico, cujos sujeitos possuem sua própria natureza, pensam e sentem o mundo de um jeito particular. Elas devem ser

tratadas de forma singular, considerando o tempo, as características e as personalidades próprias e pertinentes a cada etapa de vida. O desenho entra nesse cenário como forma de valorização da capacidade criadora infantil e como um instrumento diferenciado de suporte pedagógico para a educação.

Ao colocar nas mãos de uma criança materiais como lápis e papel (os mais comuns para a produção de desenhos), na fase das garatujas, por exemplo, a ação da criança na superfície do papel produz um prazer que ela sente ao constatar os efeitos que essa ação produziu. Confirmando essa linha de pensamento, Lowenfel de Brittain (1977, p. 120) afirmam que “a maioria das crianças, nesta fase, aborda as garatujas com grande entusiasmo. Pois a coordenação entre seu desenvolvimento visual e motor representa uma conquista muito importante”, na qual corpo e mente estão interligados com o ato de desenhar.

A maioria das escolas emprega o desenho como um modo de “aliviar as tensões” da criança, porque elas passam a maior parte do tempo sentadas, recebendo inúmeras informações, ou o desenho é utilizado apenas em ocasiões festivas, por exemplo, nas datas cívicas e religiosas (Derdyk, 1994).

O desenho, para Carvalho (2008), precisa e deve ser sempre valorizado pelos educadores, e a importância desta valorização deve ser compreendida e compartilhada com a sociedade (incluindo familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos), uma vez que toda aprendizagem tem seu valor e o desenho é uma forma de aprendizagem.

O ato de desenhar deve ser valorizado não apenas nas salas de aula como mera expressão artística, mas sim como uma forma de entender o desenvolvimento da criança, visando seu crescimento como um ser social. A esse respeito, Moreira (2008, p. 20) diz que “Para melhor conhecermos a criança, é preciso aprender a vê-la, observá-la enquanto brinca [...] Estar atento a maneira como desenha seu espaço, aprender a ler a maneira de como escreve sua história”. Deve-se entender que, ao observar os desenhos da criança, pode-se aprender muito com o seu modo de pensar, sua construção e percepção de mundo.

Apoiado pelos preceitos da Psicomotricidade, quanto mais à criança desenha, mais ela se aperfeiçoa e mais os benefícios em seu desenvolvimento se intensificam, pois facilita e desenvolve sua psicomotricidade fina, confiança em si mesma, ajuda as crianças tímidas, inibidas ou retraídas a exteriorizar as suas emoções, sentimentos e sensações, estimula sua criatividade e ajuda na formação da sua personalidade. A conquista da personalidade amadurecida e independente se dá com o apoio da produção gráfica desenvolvida com as crianças, quando um educador consegue diferenciar a contribuição do desenho nos campos emocional, intelectual, físico e social.

Na perspectiva de Lavelberg (2006, p. 11) ,“para não estagnar o desenvolvimento desenhista é necessário que se trabalhe, nos diferentes contextos educativos, de acordo com as investigações da arte e da educação contemporânea”, para isso, é necessário situar o educador na história e na contribuição do desenho acerca do desenvolvimento infantil. Assim como é importante entender as distinções das fases, dos períodos ou das etapas do desenho infantil, também é necessário compreender as contribuições e influências ocasionadas pelo desenho nos componentes de desenvolvimento destacados a seguir.

Nas apreciações de Lowenfeld e Brittain (1977), eles distinguem e analisam o significado dos diferentes elementos do desenvolvimento. Apesar desses autores terem abordado o desenvolvimento criador, desenvolvimento estético, físico e perceptual, optou-se por enfatizar aqueles relacionados aos objetivos iniciais desta pesquisa: o desenvolvimento emocional, o intelectual e o social, os quais se interseccionam com os outros anteriormente mencionados.

- Desenvolvimento emocional

A esse respeito Lowenfeld e Brittain (1977, p. 39) dizem que “arte da criança se encontra em constante mudança, e ela não receia cometer erros nem se preocupa, a respeito da nota que receberá por esse exercício particular”. Esse ato de desenhar se constitui, no imaginário infantil, como algo seu, particular, revela, no desenho, algo que não conseguiria expressar verbalmente, podendo-se, assim, considerar a atividade do desenho uma “válvula de escape” emocional.

Quanto mais a criança se afirmar na produção gráfica, mais será emocionalmente livre. Isto se dá devido à relação existente entre autor e obra, a criança e o desenho. Em crianças com personalidades ou características de timidez, inibidas e ainda dependentes de outras, o ato de desenhar lhes proporciona uma oportunidade de descarga emocional.

Se essa criança não consegue desenhar expressando seus sentimentos, ou dizendo que é incapaz de desenhar, Lowenfeld e Brittain (1977) dizem que essas crianças andam pela vida alienadas de seu próprio mundo, perdidas ou inseguras em suas ações. Em todo caso, a motivação se torna significativa para a criança, permitindo-lhe expressar graficamente o que viu e o que sentiu em suas experiências individuais.

- Desenvolvimento intelectual

De acordo com Pillar (1996), a criança não nasce sabendo desenhar, esse conhecimento é construído a partir da sua relação direta com o objeto. Deste modo, são suas estruturas mentais que definem suas possibilidades quanto à representação e à interpretação do objeto. Confirmando essa linha de pensamento, Luquet (1969) e Piaget (1978) afirmam que, em determinado esquema ou estágio de desenvolvimento, a criança desenha o que sabe de si e do mundo, e não apenas o que ela vê.

Assim, a criança é o sujeito de seu processo, ela aprende a desenhar a partir de sua interação com o desenho, ou seja, à medida que cresce e adquire novas experiências, constrói novos esquemas gráficos. Para Lowenfeld e Brittain (1977), a criança, quando desenha, revela seu nível intelectual, sendo o desenho utilizado, em alguns casos, como indicador da capacidade mental, principalmente quando os meios verbais de comunicação não são adequados. Nesse sentido:

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como imagens internas, a partir da manipulação da linguagem. É essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata (Brasil, 1997, p. 21).

Essa citação do PCN de Arte (Brasil, 1997) reafirma a importância do desenho como suporte à primeira linguagem, originando um vocabulário próprio das crianças, com referências e signos constantes, por exemplo, o sol, o boneco, a casa, entre outros. Além disso, o desenho se torna fruto de uma ação motora que denota prazer e gosto; quando a criança rabisca, seu corpo entra em harmonia com a mente e os traços no papel.

Ferraz e Fusari (1993) afirmam que as crianças se apegam a determinadas características dos objetos e, se quiserem ampliar esse conhecimento, os professores precisam ampliar suas atividades, pois compete ao professor ajudar a criança a perceber outras qualidades que compõem um objeto. “O rabisco requer percepção e percepção requer cérebro” (Kellog, 1969 *apud* Derdyk, 1994, p. 51). Portanto, as representações mentais reorganizam-se e recombina-se através dos desenhos como fonte do processo imaginativo infantil, ambos evoluindo gradativamente.

- Desenvolvimento social

A relação física e sensorial que a criança estabelece com o desenho possibilita a experiência de novas realidades. A esse respeito, Lowenfeld e Brittain (1977) dizem que, quando a criança abandona a fase de garatujas, o traço seguinte é reconhecido como o de uma pessoa. Assim, à medida em que a criança cresce, ela se conscientiza de que existem pessoas ao seu redor, as quais influenciam e afetam sua vida. Afirma também que:

Nos primeiros anos de vida são, provavelmente, os mais decisivos no desenvolvimento da criança. Durante esse período inicial, ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como ser, tudo que irá ter reflexos em sua vida inteira. A arte pode contribuir imensamente com esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e o seu meio que se inicia a aprendizagem (Lowenfeld e Brittain, 1977, p. 116).

Para ter sucesso no ensino do desenho, é necessário que o professor esteja munido de habilidades e competências para desenvolver as atividades que estimulem e enriqueçam o fazer do desenhista, garantindo que as crianças aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. A esse respeito Ferraz e Fussari (1999) dizem que a criança, ao fazer suas produções artísticas, descobre a alegria da criação quando o ambiente ou as pessoas sabem motivá-la.

Assim sendo, as atividades criadoras geradas pelo desenho também fornecem um excelente meio para a criança aprender a assumir responsabilidade por seus atos e, por conseguinte, identificar as atitudes do seu grupo; um exemplo são as regras impostas na sociedade, que podem ser traduzidas ou evidenciadas pelos desenhos. Nesse sentido, Lowenfeld e Brittain (1977, p. 45) afirmam que “esse sentimento de consciência social é o início da compreensão de um mundo mais amplo, de que a criança passou a tomar parte”. O desenho pode, então, ampliar sua personalidade no mundo real, abrangendo aspectos positivos para uma autonomia social.

2.6 As Múltiplas Possibilidades do Desenho como Recurso Didático-Pedagógico

Inicia-se pela necessidade de formular novos olhares que orientem os professores na reflexão sobre o conhecimento artístico e sobre a relação entre pensamento, desenho e suas fases evolutivas; valoriza-se a criança naquilo que sabe, e no prazer que sente em aprender. Logo, torna-se importante analisar o desenho como forma de expressão dos sentimentos e das ideias, buscando o real sentido do ensino-aprendizagem do desenho nas escolas.

Assim sendo, para Derdyk (1994), o desenho é um instrumento de conhecimento que possui uma grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e de expressão. O mundo, para a criança, é reinventado conforme seu desejo, quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para uma atividade expressiva fluir. Contudo o desenho:

Não é só o lápis no papel, é também qualquer marca impressa em qualquer superfície: o rastro de uma vareta na areia da praia, o risco do caco de tijolo no muro e na calçada, a marca do giz na lousa, os furinhos feitos com o dedo na massinha, a impressão da mão feita cheia de tinta no papel, o caminho feito pelo barbante no chão, a marca da ponta do dedo no vidro embaçado [...] (Derdyk, 1994, p. 48).

A partir dessas verificações, fez-se necessária uma reflexão sobre o real sentido do desenho na sala de aula, ressaltando sua contribuição como um recurso pedagógico, sendo este um “instrumento complementar que ajuda a transformar as ideias em fatos e em realidades”, e considerando sua finalidade em estimular o aluno. Sendo, portanto, métodos pedagógicos empregados no ensino de algum conteúdo ou transmissão de informações.

O professor que procura fomentar a expressão individual na sala de aula, ou deseja encorajar a iniciativa e a espontaneidade, ou dispõe de crianças motivadas, terá que aceitar e recompensar o comportamento criador. Para Lowenfeld e Brittain (1977), não há uma maneira certa ou errada na área de expressão artística, mas a função do professor deve ser positiva e satisfatória quanto à finalidade do desenho, que é desenvolver a capacidade criativa dos alunos desde a educação infantil.

Para Deheinzelin (1995 apud Silva, 2008), devem-se privilegiar os processos de realização do desenho, ou seja, as etapas que cada criança consegue executar em suas diferentes faixas de desenvolvimento, e não apenas a elevação do produto final, pronto e acabado.

O primeiro aspecto cita a importância de ter um objetivo claro e definido no que se refere à tarefa proposta, adequando as atividades possíveis com o desenho. O segundo aspecto a ser considerado pelos professores é relativo à livre criação e experimentação do aluno, utilizando-se tanto as atividades livres (aquelas em que os alunos escolhem os materiais e temas) quanto as atividades mais direcionadas (em que o professor propõe os suportes, temas e as estratégias). Desta maneira, a criança faz uso das suas realizações, possibilitando a evolução e a ampliação dos resultados no desenvolvimento infantil.

O terceiro aspecto relaciona-se com o primeiro, devido a sua composição ressaltar um objetivo definido para a atividade, levando a criança a refletir sobre seu próprio traçado,

organizando as ideias mentalmente ou no papel, explorando os espaços disponíveis para a prática do desenho e possibilitando a criança relacionar figuras e suas formas, ampliando, assim, sua capacidade de percepção através do ato de desenhar. O último aspecto promove um contato com a arte produzida ao longo de nossa história, para desenvolver uma apreciação da arte; um exemplo citado pela autora é levar as crianças a museus, exposições ou ler livros que contenham obras de artistas.

Diante da importância do desenho como suporte e recurso pedagógico e da compreensão deste no desenvolvimento infantil, a educadora Pillar (1996) selecionou 25 estratégias de atividades direcionadas ao uso do desenho em salas de aula. Nesta pesquisa, menciona-se um breve resumo das propostas de atividades com o desenho, propostas na estratégia da educadora.

- **Desenho Espontâneo:**

É quando o professor não apresenta uma proposta temática, mas deve estimular o modo criativo infantil sem a sua intervenção direta, apenas observando e acompanhando o processo criativo da criança. O professor deve incentivar a criatividade infantil.

- **História do desenho e Desenho da história:**

Na primeira, o educador incentiva a criança a contar algo sobre seu desenho, explorando a fala ou a escrita; na segunda atividade, as histórias de interesse infantil podem ser narradas pelo professor, que pode, assim, verificar o estágio de interpretação das crianças.

- **Por onde vai? Abrindo caminhos:**

Colocando obstáculos (caixas de madeira, folhas, pedras) alinhados, simulando o desenho de quarteirões de uma cidade, o educador trabalha a noção de espaço e direção com seu aluno. A coordenação motora e física pode ser trabalhada com cordas, barbantes ou giz de cera, traçando um caminho que todas as crianças devem seguir.

- **Jogo dos rabiscos:**

Nesta atividade é criam-se relações de comunicação e de interação com outras crianças, onde uma desenha elementos do cotidiano e a outra, ao mesmo tempo, traça

desenhos relacionados com os desenhos da criança anterior, existindo um diálogo lógico, mas gráfico, entre os desenhos.

Além dessas atividades, Lavelberg (2006) ressalta a importância de documentar os trabalhos gráficos, por exemplo, com o uso de portfólios, que professores e alunos podem estar confeccionando para registrar as aulas. Têm-se, assim, uma datação e uma catalogação dos desenhos produzidos pelas crianças, que servem para orientar o professor na observação das etapas e das evoluções da criança ao longo do semestre ou do ano escolar. Tais propostas de atividades com o desenho não são suficientes para intervir em uma prática pedagógica, mas constituem um importante conjunto de ferramentas úteis para os padrões da escola contemporânea.

3 METODOLOGIA

3.1 Limitações da pesquisa

Figura 1 – Localização da Creche Tia Carmosa



Fonte: Google Maps, 2024.

A respeito do universo e amostra, o cenário de investigação foi a Creche Tia Carmosa, localizada no bairro Nova Brasília- Santa Inês - Maranhão

Em relação aos objetivos estabelecidos, este estudo optou por uma abordagem qualitativa, focando em uma análise descritiva dos dados e em métodos estatísticos. O processo metodológico foi dividido em duas etapas principais: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica começou com a identificação de obras relevantes, seguida de leituras, organização das informações e elaboração do texto. Já a pesquisa de campo envolveu a coleta e análise de dados, resultando na construção de textos. Considerando a natureza pedagógica da proposta, a pesquisa seguiu os princípios da pesquisa-ação.

Várias denominações já foram atribuídas ao papel do professor da educação infantil, dentre elas, temos recreacionistas, monitores, educadores, berçaristas, entre outros. Esses profissionais, na educação infantil de Santa Inês, são denominados professores de educação infantil, como determina a LDB 9394/1996.

No quadro 1 a seguir, pode-se caracterizar a escolaridade dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 1 - Perfil das professoras quanto a escolaridade e área de formação

| PROFESSOR | CURSO | | | |
|--------------|---------------------|-------------------|-----------|--------------------------------|
| | Superior Incompleto | Superior Completo | Pedagogia | Magistério das Séries Iniciais |
| 1 | | | | |
| 2 | | | | |
| 3 | | | | |
| 4 | | | | |
| 5 | | | | |
| 6 | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| TOTAL | | 4 | 4 | 2 |

Fonte: Vieira, autor 2024

A respeito da formação dos professores, em nível superior, demonstra a preocupação da administração municipal em oferecer oportunidades a todos para obterem um curso de licenciatura.

Entende-se que essa preocupação do poder público municipal deve às exigências da LDB 9394/1996, que determina, em seu art. 62, a formação docente em nível superior, em curso de licenciatura, de profissionais para atender a educação infantil; dessa forma, a gestão municipal precisa investir na capacitação e atualização de seus profissionais, dando-lhes a oportunidade de acesso à carreira como professores de educação infantil.

No que se refere à formação dos professores em Santa Inês, esta é satisfatória, pois seis professoras entrevistadas têm o nível superior completo, representando o percentual de 75% das entrevistadas, e somente duas, representando 25% das entrevistadas, estão cursando o nível superior. Verifica-se ainda que 83,33%, correspondendo a cinco das

professoras participantes da pesquisa, possuem formação em nível superior no curso de Pedagogia e 16, 67%, equivalente a uma professora, possui curso superior em Magistério das Séries Iniciais, correspondendo a uma exigência da LDB 9394/1996, que estabelece, em seu art. 62, para a docência na educação infantil, a formação em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena.

Constatou-se, ~~que~~ conforme demonstração dos dados, que o quadro atual dos professores de educação infantil de Santa Inês, no que se refere à formação acadêmica, ~~foi~~destoa da realidade do Censo Escolar 2011 do estado do Maranhão, em que, dos 5.842 professores da Educação infantil da rede municipal, somente 910 têm o ensino superior completo, o que equivale a um percentual de 15,58%, em Santa Inês, este percentual é de 75%.

O tempo de exercício profissional na educação infantil para 37,5% das entrevistadas, ou seja, três professoras, é de onze anos, equivalendo aos anos no magistério, que também é de 37,5% das entrevistadas. Percebe-se que a maioria (62,5%) tinha experiência anterior em outros níveis de ensino. No que se refere aos anos de trabalho na instituição pesquisada, 37,5%, perfazendo um total de três professoras, trabalhavam de 4 a 5 anos; 72,5%, num total de cinco professoras, trabalhavam de 8 a 11 anos na mesma instituição, levando a crer que gostam do que fazem. [Observação: Há uma inconsistência nos percentuais. 37,5% com três professoras e 72,5% com cinco professoras. A soma dos percentuais ultrapassa 100%]

4 RESULTADOS

4.1 Caracterização da Escola

A pesquisa foi realizada na Creche Tia Carmosa, localizada na Rua Amazonas s/nº, cidade de Santa Inês, Maranhão. A escola funciona nos turnos da manhã e tarde, com ensino da educação Infantil, modalidade Creche. Ela atende a aproximadamente cento e cinquenta e quatro (154) alunos, distribuídos nos dois turnos.

O planejamento pedagógico é realizado a cada ano para dar embasamento às didáticas a serem adaptadas para atender às novas demandas da comunidade escolar e do contexto social ao qual a escola está inserida, com a orientação da direção, supervisão e dos professores.

4.2 Análise do Questionário

A fim de descobrir como se dão as atividades com o desenho na sala de aula, aplicamos um questionário, que foi usado como referência para as respostas do grupo de educadoras que participaram da pesquisa. Dessa forma, podemos analisar as respostas escritas nos questionários e, assim, perceber como são realizadas as atividades que enfatizam o desenho. Ao serem questionadas com relação à primeira pergunta do questionário (anexo):

Quadro 2 – Resultado do questionário

| Perguntas | Respostas | Educadores |
|--|---|----------------------|
| Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valões, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos? () sim () não | Todos responderam sim, | |
| Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica? | Desenvolvimento do pensamento visual, estímulo à atenção e percepção, desenvolvimento da motricidade e da criatividade. | (Educador 1). |
| | O desenho permite que as crianças expressem seus sentimentos e ideias, | (Educador 2). |

| | |
|---|----------------------|
| <p>estimula a criatividade e a imaginação contribui para o desenvolvimento motor e facilita a aprendizagem pois ajuda as crianças a entenderem o conceito de maneira visual e concreto.</p> | |
| <p>O desenho nos possibilita além das habilidades motoras desenvolvidas pelas crianças, faz com que as crianças desenvolvem a imaginação fazendo com que isso tenha maiores possibilidades de um desenvolvimento pleno.</p> | (Educador 3). |
| <p>Desenvolvimento do pensamento visual, estimula a atenção e percepção, desenvolvimento da motricidade desenvolvimento da criatividade entre outras contribuições</p> | (Educador 4). |
| <p>Ele auxilia o professor diariamente, como uma maneira de observar o desenvolvimento da criança em seu estado emocional, cognitivo, perceptivo, psicomotor e social, etc.</p> | (Educador 5). |
| <p>O desenho na prática pedagógica facilita a</p> | (Educador 6). |

| | | |
|--|---|----------------------|
| | expressão de ideais e sentimentos, estimulando a criatividade o pensamento crítico e a percepção. Torna a aprendizagem mais inclusiva. | |
| Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem consequentemente no desenvolvimento infantil? | O desenho é fundamental, pois promove a expressão emocional, e a criatividade. | (Educador 1). |
| | O desenho é uma ferramenta fundamental no processo de ensino aprendizagem pois estimula a criatividade, melhora a coordenação motora | (Educador 2). |
| | E através do desenho que as crianças se expressam. E por eles que elas revelam suas emoções e percepções | (Educador 3). |
| | Ele contribui para a promoção cognitiva, emocional, social das crianças ao serem melhor desenvolvidas, tais contribuições favorecem o aprendizado | (Educador 4). |
| | | (Educador 5). |
| | | (Educador 6). |
| A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche ?() sim () | Todos responderam sim, | |
| | Todos responderam sim, | |
| | Todos responderam sim, | |
| | Todos responderam sim, | |

| | | |
|--|--|----------------------|
| não | | |
| Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?() sim () não | Todos responderam sim, | (Educador 1). |
| | Todos responderam sim, | |
| Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil? | Muito bem recebido, por e | (Educador 1). |
| | um proposta de extrema relevância para nossa pratica | |
| | Seria recebida de forma | (Educador 2). |
| | bastante positiva pois nos ajudaria a nossas práticas e a tornar | |
| | seria bem recebido uma vez | (Educador 3). |
| que a pratica de desenhar faz com que as crianças tenham a possibilidade de se expressar através dos mesmo utilizado cores e formas de diferentes maneiras | | |
| Ele auxilia o professor | (Educador 4). | |
| diariamente, como uma maneira de observar o desenvolvimento da criança em seu estado emocional, cognitivo,percetivo, psicomotor e social, etc. | | |
| Seria muito bom | (Educador 5). | |

| | | |
|--|---|-----------------------------|
| | <p>Uma proposta didática com o desenho como uma estratégia inovadora, em estratégias e palestras tende a ser bem recebida pelos professores, pois enriquece a aprendizagem e o desenvolvimento infantil incentivando criação.</p> | <p>(Educador 6).</p> |
|--|---|-----------------------------|

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Diante dos dados coletados, aplicamos as oficinas previamente planejadas:

1ª e 2ª OFICINAS: Exposição da Temática da Oficina- a importância de trabalhar o desenho com objetivos e intencionalidades.

Procuramos mostrar às professoras a necessidade de formular novos olhares na reflexão do conhecimento artístico sobre a relação entre pensamento, desenho e suas fases evolutivas. A criança que é valorizada naquilo que sabe sente prazer em aprender. Logo, se faz importante analisar o desenho como forma de expressão dos sentimentos e de ideias, objetivando o real sentido do ensino-aprendizagem do desenho nas escolas.

Para trabalhar o desenho, quatro aspectos devem ser considerados pelo professor quando executados em sala de aula.

- 1º- Organizar um planejamento pedagógico;
- 2º- Possibilitar atividades livres-espontâneas;
- 3º- Traçar estratégias de ensino do desenho;
- 4º- Desenvolver a prática de apreciação de obras de arte.

- **Organizar um planejamento pedagógico** é dada a importância de ter um objetivo claro e definido no que se refere à tarefa proposta, adequando-se às atividades possíveis com o desenho.
- **Possibilitar atividades livres-espontâneas** é relativo à livre criação e experimentação do aluno. Utiliza-se tanto as atividades livres (que são aquelas em que os alunos escolhem os materiais e temas) quanto as atividades mais direcionadas (onde o professor propõe os suportes, temas e estratégias). Desta

maneira, a criança faz uso das suas realizações, possibilitando a evolução e ampliação dos resultados no desenvolvimento infantil.

- **Traçar estratégias de ensino do desenho** faz uma relação com organizar um planejamento pedagógico, pois, em sua composição, destaca-se um objetivo definido para a atividade, levando a criança a refletir sobre o seu próprio traçado, organizando as ideias mentalmente ou no papel, explorando os espaços disponíveis para a prática do desenho e possibilitando a criança relacione figuras e suas formas, ampliando, assim, a capacidade de percepção através do ato de desenhar.
- **Desenvolver a prática de apreciação de obras de arte** promove um contato com a arte produzida ao longo de nossa história. Desenvolver uma apreciação da arte é levar as crianças a ler livros de histórias infantis, propiciando, assim, o desejo pela formação de futuros leitores.

Assim, após duas oficinas que foram rodas de conversas sobre a importância do desenho, mostramos sugestões de diversas maneiras de trabalhar com o desenho.

Desenho com Música:

Objetivos: O desenho com música busca fazer a combinação da expressão visual do desenho com a experiência auditiva da música, estimulando a criatividade e ainda propiciando ao professor conhecer mais seus alunos, pois, através do desenho, as crianças expressam também seus sentimentos.

3ª OFICINA: Contação de histórias -Histórias Ilustradas

Trabalhar desenho com contação de história e pedir que as crianças ilustrem o que mais lhes chamou atenção é um recurso que aguça a criatividade e o trabalho em grupo, quando, depois, cada uma compartilha e explica seu desenho.

Objetivos que tornam a prática de unir desenho e contação de histórias uma ferramenta valiosa no processo educativo, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças.

1. **Desenvolvimento da Criatividade:** A combinação de desenho e narrativa estimula a imaginação das crianças, permitindo que elas expressem suas ideias de maneiras visuais e literárias.

2. **Melhora da Expressão Artística:** Ao desenhar personagens e cenários, as crianças aprimoram suas habilidades artísticas e aprendem a comunicar emoções e conceitos através da arte.

3. **Compreensão da Narrativa:** A contação de histórias ajuda as crianças a entender a estrutura de uma narrativa (início, meio e fim), e o desenho permite que elas visualizem e interpretem essas estruturas de forma mais concreta.

4. **Desenvolvimento da Linguagem:** A prática de contar histórias enriquece o vocabulário e a expressão verbal das crianças, enquanto o desenho pode complementar e enriquecer a narrativa.

5. **Estímulo à Empatia:** Ao desenhar personagens e suas histórias, as crianças podem explorar diferentes perspectivas e sentimentos, promovendo a empatia e a compreensão do outro.

6. **Integração de Conhecimentos:** Essa abordagem interdisciplinar alia artes visuais e literatura, permitindo que as crianças vejam as conexões entre diferentes formas de expressão e conhecimento.

7. **Fomento ao Trabalho em Grupo:** Atividades que combinam desenho e contação de histórias podem ser realizadas em grupo, promovendo a colaboração e o trabalho em equipe entre as crianças.

8. **Desenvolvimento Motor:** O ato de desenhar melhora a coordenação motora fina e a destreza manual, habilidades importantes para o desenvolvimento das crianças.

9. **Aumento da Autoconfiança:** Quando as crianças compartilham suas histórias e desenhos, elas têm a oportunidade de se expressar e receber feedback positivo, o que pode aumentar sua autoconfiança.

10. **Diversão e Engajamento:** Combinar desenho e histórias torna o aprendizado mais divertido e envolvente, capturando a atenção das crianças e incentivando a participação ativa.

4ª OFICINA - Desenho Livre é uma prática valiosa na educação infantil, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças em diferentes aspectos.

Objetivos:

- **Expressão Criativa:** O desenho livre permite que as crianças expressem suas emoções, ideias e fantasias de maneira pessoal e única, estimulando a criatividade e a imaginação.
- **Desenvolvimento Motor:** A prática do desenho ajuda a desenvolver a coordenação motora fina, habilidades de manipulação e controle de traços, que são fundamentais para a escrita futura.
- **Autoconhecimento:** Ao desenhar, as crianças podem explorar e refletir sobre suas próprias experiências, sentimentos e identidades, promovendo um maior entendimento de si mesmas.
- **Comunicação:** O desenho é uma forma de linguagem visual. As crianças aprendem a comunicar pensamentos e sentimentos por meio de imagens, desenvolvendo habilidades de comunicação não verbal.
- **Resolução de Problemas:** O processo de criação artística envolve tomada de decisões e resolução de problemas, o que estimula o pensamento crítico e a capacidade de análise.
- **Apreciação Estética:** Ao se envolver com o desenho, as crianças começam a desenvolver um senso estético e a apreciar a arte, o que pode enriquecer sua experiência cultural.
- **Socialização:** Atividades de desenho em grupo promovem a interação social, a colaboração e a troca de ideias entre as crianças, fortalecendo laços e habilidades sociais.
- **Autonomia:** O desenho livre oferece às crianças a oportunidade de fazer escolhas, como cores, formas e temas, promovendo a autonomia e a confiança em suas habilidades.
- **Relaxamento e Concentração:** O ato de desenhar pode ser uma atividade relaxante que ajuda a melhorar a concentração e o foco, proporcionando momentos de tranquilidade.
- **Desenvolvimento Cognitivo:** O desenho também estimula o desenvolvimento cognitivo, pois as crianças aprendem a planejar, organizar e desenvolver ideias, reforçando habilidades de raciocínio.

Assim, podemos perceber que as professoras, além de receptivas às novas propostas de trabalhar o desenho, tinham a necessidade de entender a importância fundamental do desenho para o desenvolvimento infantil. E que muitas das atividades trabalhadas na sala de aula não seguiam principalmente os aspectos básicos de

- 1º- Organizar um planejamento pedagógico;
- 2º- Possibilitar atividades livres-espontâneas;
- 3º- Traçar estratégias de ensino do desenho;

Podemos perceber que existe uma necessidade de uma educação continuada sobre a importância do desenho como recurso didático - pedagógico na Creche Tia Carmosa, visto que a proposta oferecida não supriu a curiosidade manifestada pelas professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar o desenho como recurso didático pedagógico, com o conhecimento de sua fundamental importância para o desenvolvimento infantil, ainda é um desafio. Visto que muitos professores que estão nas salas de educação infantil ainda utilizam o desenho simplesmente como distração, sem objetivos e intencionalidade.

Falar de metodologia é ainda muito desafiador, pois está ligada à particularidade de cada professor ou mesmo às práticas de um coletivo de uma instituição de ensino que fazem parte de um sistema educativo. É através do desenho que o professor compreende melhor os avanços na construção do conhecimento das crianças. Com o conhecimento o professor pode trabalhar de várias maneiras, valorizando, estimulando e evidenciando as potencialidades fazendo com que o desenvolvimento cognitivo e psicomotor aconteça de forma gradual. Em consequência as chances de se obter sucesso no ensino e aprendizagem se tornam mais significativa.

O desenho faz parte da vida da criança, estando em sala de aula ou não, e é importante que o professor desenvolva atividade significativa que leve a criança a fazer desenhos livres, no papel, no chão ou até mesmo em paredes mais que esse desenho tenha um significado, mostrando a elas que ao usar um lápis e papel elas podem desenhar e ali ser trabalhado a noção de espaço, que com a escolha do lápis seja também trabalhada as cores fazendo com que elas usem a imaginação e o ato de desenhar se torne uma atividade prazerosa.

Em todas as séries o papel do educador é muito importante e ao usar essa metodologia na sala de aula e na educação infantil se torna ainda mais fácil pois não é necessário técnicas mirabolantes para chamar a atenção das crianças, pois nessa idade o desenho é uma forma de expressão e representação daquilo que elas conseguem enxergar na sua fase de desenvolvimento.

Frente às experiências vividas com as professoras da Creche Tia Carmosa sobre a importância de o desenho ser usado como recurso didático – pedagógico na sala de aula e diante das contribuições dos autores que serviram de base para essa pesquisa com objetivos, denota-se quão necessário é um trabalho de formação inicial e continuada do professor atuante na Educação Infantil sobre esta temática.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Lúcia. As políticas sociais para a infância a partir de um olhar sobre a história da criança no Brasil. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite (Orgs.). **A criança de 0 a 6 anos e a Educação Infantil: um retrato.** 2001.
- BARBOSA, M. C. S. (2006). **Por amor e por força: rotinas na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed.
- BEHRENS, M. A. (2005). **O paradigma emergente e a prática pedagógica.** Petrópolis, RJ: Vozes.
- BRASIL. (1988). Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Imprensa Oficial.
- BRASIL. (1990). **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16/7/1990.
- BRASIL. (1994). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Política Nacional de Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF/DPEF/Coedi.
- BRASIL. (1996). **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23/12/1996, p. 27.833.
- BRASIL. (1997). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Arte. Brasília: MEC/SEF. 130p.
- BRASIL. (1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF.
- BRASIL. (1998a). Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, v.1, 2 e 3.
- BRASIL. (1999). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB n. 1, de 7 de abril de 1999. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 13/4/1999.
- BRASIL. (2006). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil.**v.1 e 2. Brasília, DF: MEC/SEB.
- CAMBI, Franco. Rousseau: o pai da pedagogia contemporânea. In: _____. **História da pedagogia.** Tradução de Álvaro Lorenzini. São Paulo: EDUNESP, 1999. p. 342-355.
- CARR, Edward Hallert. **Que é história?.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, Marline Conceição Viera de. (2008). **As práticas pedagógicas na sala de aula e a qualidade do processo ensino-aprendizagem: estudo de caso:** escola secundária de Achada Grande. 107 f. Monografia (Graduação em Ciências da Educação e Praxes Educativa) - Universidade Jean Piaget, Cabo Verde, Recuperado de: <<http://bdigital.unipiaget.cv>>.

COSTA, Maria Lourdene Paula. (2013). **As práticas pedagógicas de professores de educação infantil do município de Santa Inês–MA.** São Luis: 176f: Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão.

COVELLO, S. C. **Comenius:** a construção da pedagogia. São Paulo: Editora Comenius, 1999.

DAHLBERG, G., MOSS, P., PENCE, A.(2003). **Qualidade na educação da primeira infância:** perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artmed.

DERDYK, Edith. (1994). **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo, Scipione.

DIAS, J. A. J. Querino Ribeiro. (2007). A busca de uma teoria da Administração Escolar. In: GARCIA, W. Educadores Brasileiros do Século XX. v. 1. Brasília: Plano Editora.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. (1993). **Metodologia do ensino de arte.** São Paulo. Cortez.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Avaliação na pré-escola.** Porto Alegre: Mediações, 2006.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

GHEDIN, E. (2006). Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evando. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil:** genes e crítica de um conceito. (4a. ed.). São Paulo: Cortez.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança:** prática e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

KRAMER, S. (2011). **A política do pré-escolar no Brasil:** a arte do disfarce. (9a. ed.). São Paulo: Cortez.

KRAMER, S. (Org). (2006). **Com a pré-escola nas mãos:** uma alternativa curricular para educação infantil. São Paulo: Ática.

LEITE, Miriam L. Moreira. (2006). A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagens. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Orgs). **História Social da Infância no Brasil.** (6a. ed.). São Paulo: Editora Cortez.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagens. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **História social da infância no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **O desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, George-Henri. **O desenho infantil**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1969.

MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papirus, 1989.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências é virar as costas aos saberes?** Revista Pátio, Porto Alegre: Artmed, ano 3, n. 11, jan. 2000.

PIAGET, Jean William Fritz. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

PILLAR, Ana Alice Dutra. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Adriane de Oliveira e. **O significado do desenho: os vários olhares do educador**. Disponível em:

<http://blog.educacaoadventista.org.br/elenprado/index.php?op=post&idpost=10&titulo=O+Significado+do+desenho:+Os+varios+olhares+do+educador>.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação**. Pernambuco: UFPE, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de didática**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Educação 01

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS
CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, as quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não

Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

O desenho estimula a criatividade e a expressão individual e a imaginação dos alunos.

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento infantil?

O desenho é fundamental para promover a expressão emocional, a criatividade.

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche ?

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

sim () não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

Muito bem recebida, pois é uma proposta de extrema relevância para nossa prática.

obs

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Educador 02

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS
CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, os quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não

Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

O desenho permite que as crianças expressem seus sentimentos e ideias, estimula a criatividade e imaginação, contribui para o desenvolvimento motor e facilita a aprendizagem, pois ajuda as crianças a entenderem conceitos de maneira visual e concreta.

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento infantil?

O desenho é uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem pois estimula a criatividade, melhora a coordenação motora fina, etc.

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche?

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

() sim não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

Seria recebida de forma bastante positiva pois nos ajudaria a desenvolver novas práticas e a tornar o aprendizado mais dinâmico e significativo.

Obs →

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

03

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS
CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, as quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não

Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

O desenho nos possibilita ter um de habilidades motoras desenvolvidas pelas crianças, faz com que as crianças descrevam o que imaginam, fazendo com que isso como tenha maiores possibilidades de um desenvolvimento pleno.

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento infantil?

É através do desenho que as crianças se expressam. É por isso que elas desenham suas ideias e percepções.

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche?

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

() sim não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

Seria bem recebida. Uma vez que o trabalho de desenhar faz com que as crianças tenham a possibilidade de se expressar através das mesmas. Utilizando cores e formas de diferentes maneiras.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Educador 04

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, os quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não
Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

Desenvolvimento do pensamento visual, estímulo à atenção e percepção, desenvolvimento da maturidade, desenvolvimento da criatividade, entre outras contribuições

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente no desenvolvimento infantil?

Ele contribui para a formação cognitiva, emocional, social e motor das crianças, ao serem melhor desenvolvidas, tais atribuições favorecem o

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche ? ^{aprendizado.}

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

sim () não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

De maneira entusiástica, receptiva e colaborativa, de modo a incentivar as crianças a participarem e executarem as tarefas oferecidas.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Educador 05

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, os quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não

Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

Ele auxilia o professor diariamente, como uma maneira de observação e desenvolvimento da criança em seu estado emocional, cognitivo, perceptivo, psicomotor e social etc...

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento infantil?

A criança quando desenha ela vive entre o mundo imaginário e o real, elas expressam sentimentos, muito das vezes elas não conseguem se expressar pela

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche?

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

sim () não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

Seja muito bom!

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Educat 06

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CAMPUS SANTA INÊS
CURSO PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO PARA ELABORAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O objetivo deste questionário é coletar informações de pesquisa, os quais podem fornecer dados estruturados.

- 1- Sabe-se que o desenho é um dos recursos onde o ser humano utiliza para expressar sentimentos, como alegria, tristeza, medo. Na escola o desenho pode instigar as crianças a expressar esses sentimentos, bem como interpretar valores, conceitos e normas. Na sala de aula o desenho faz parte dos seus recursos didáticos?

sim () não

Caso a resposta seja sim.

- 2- Quais as contribuições que o desenho oferece como possibilidade de renovação e transformação da prática pedagógica?

O Desenho, Na Prática Pedagógica, Facilita a Expressão de ~~as~~ ideias e Sentimentos, Estimulando a Criatividade, O Pensamento Crítico e a Percepção. Torna a Aprendizagem Mais Inclusiva.

- 3- Como é percebido a importância do desenho no processo de ensino aprendizagem e consequentemente no desenvolvimento infantil?

O Desenho é Fundamental Para o Desenvolvimento Infantil, Pois Promove a Expressão, o Desenvolvimento Motor Etc...

- 4- A utilização do desenho na sala de aula aqui na Creche Tia Carmosa, faz parte da metodologia do projeto da Creche ?

sim () não

- 5- Existe oferta de educação continuada para educação infantil, voltada especificamente para as contribuições do desenho para educação infantil?

sim () não

- 6- Como seria recebida pelos professores dessa Creche, a oferta de uma proposta didático-pedagógica, utilizando oficinas, palestras, onde o desenho fosse trabalhado como uma estratégia metodológica inovadora, buscando trabalhar as muitas possibilidades que se pode utilizar o desenho na compreensão do desenvolvimento infantil?

Uma Proposta didática Com o Desenho Como Estratégia Inovadora, Em Oficinas e Palestras, tende a Ser Bem Recebida Pelos Professores, Pois Auxilia o Aprendizado e o Desenvolvimento Infantil, Incentivando a Criatividade.